Seca acarretará bilhões em prejuízos

17/05/2012

Com a aproximação do final do mês de maio, as esperanças de chuvas mais intensas sobre o semiárido nordestino serão adiadas para meados do ano, entre os meses de outubro e dezembro. Isso se as chuvas efetivamente caírem, o que pode não acontecer, prolongando o flagelo da seca sobre a região. Trata-se, conforme vem sendo amplamente divulgado pela imprensa, da estiagem mais rigorosa dos últimos 30 ou 40 anos, com impactos significativos sobre a economia dos estados afetados.

Estimativas iniciais indicam que os prejuízos sobre os municípios baianos podem variar entre R$ 3,8 bilhões – numa projeção mais conservadora – e R$ 7,7 bilhões, caso o mais grave dos cenários se confirme. O detalhe é que os efeitos da seca são mais perversos nos municípios mais pobres, que dependem mais do setor primário.

A seca também é cruel porque afeta principalmente a população mais pobre e residente em áreas rurais dos pequenos municípios. São essas as pessoas mais prejudicadas com o fenômeno que arrasa lavouras e dizima rebanhos. Quando a seca vem, portanto, são elas que perdem os seus modestos rendimentos até o próximo período chuvoso.

Conforme já indicado aqui na **Tribuna Feirense**, os programas de transferência de renda implementados no Brasil ao longo das últimas décadas contribuem para impedir que as pessoas morram de fome ou de sede ou sejam forçadas a migrar, inchando ainda mais as grandes cidades, porque as possibilidades de sobrevivência no semiárido se esgotaram.

Mais efeitos

Caso a seca se prolongue por muitos meses ainda, existe o risco real que os dois maiores municípios baianos, Salvador e a Feira de Santana, fiquem expostos ao risco de desabastecimento. Para evitar a situação, o governo estadual já anunciou medidas restritivas em relação ao uso da água para irrigação em algumas regiões do estado. A prioridade, dada a gravidade da situação, torna-se o abastecimento humano.

Embora – obviamente – a prioridade seja o consumo humano, a medida afetará a produção agrícola do estado. Daí, em parte, derivarão os prejuízos estimados em bilhões de reais, afetando as finanças municipais. Não resta dúvida que a seca – ou os seus efeitos – vai pautar a sucessão municipal nesse 2012 na Bahia.

Essa estiagem severa está trazendo de volta o debate sobre as possibilidades de desenvolvimento do Nordeste semiárido. A discussão andou esquecida depois dos programas de transferência de renda, que reduziram o problema da fome na região, mas que pouco avançam em relação à delicada questão do desenvolvimento.

Medidas vem sendo anunciadas – como repasse de recursos para ações emergenciais, distribuição de cestas básicas, pagamento do seguro-safra ou complementação do valor do Bolsa Família – mas o debate mais estrutural precisa ser retomado: como promover o desenvolvimento de fato do semiárido?

Talvez os rigores da seca em 2012 conduzam à retomada dessa discussão estrutural que, no entanto, praticamente foi abandonada depois do êxito alcançado pelos programas de transferência de renda...

____

André Pomponet é jornalista e economista

André Pomponet